

Universidade de São Paulo - USP
Instituto de Relações Internacionais - IRI

Trabalho Final de Segurança Internacional Contemporânea

**“A mídia como agente securitizador -
Abordagens da crise de refugiados na Europa”**

Marina Nittolo Bagatini
Nº USP 10763484
Curso: Ciências Sociais

São Paulo
1/2022

SUMÁRIO

Introdução.....	2
Contextualização Teórica.....	3
A criação de um discurso midiático.....	6
Análise Empírica.....	9
Conclusão.....	13
Bibliografia.....	14

INTRODUÇÃO

A história da evolução social humana é marcada pelo movimento. Sejam as grandes navegações ou pela força das pernas, o ser humano se move, o ser humano migra. Entretanto, a forma como esta movimentação é percebida e recebida pela sociedade depende em grande parte da abordagem que a mídia, como agente intermediário, escolhe dar às notícias, e sendo o jornalismo incapaz de evadir-se da parcialidade, o fato se distorce ao passar pelas lentes midiáticas, podendo ser alvo de compadecimento, aversão, ou até mesmo securitização.

Esta dissertação tem como objetivo entender a importância da formação do discurso da mídia como possível agente securitizador, ou seja, como responsável pela dramatização e politização extrema de um fato social. Será usado o caso empírico da crise de refugiados na Europa em 2015 como exemplo de análise, além de imagens de cobertura midiática da época com foco em três eventos: a guerra civil na Síria, a morte de Alan Kurdi, e os ataques terroristas em Paris.

Por meio da teoria da securitização da Escola de Copenhague e das abordagens múltiplas feitas pela cobertura jornalística, busca-se responder à questão: qual foi a atuação da mídia em relação à crise de refugiados em 2015 na Europa, se tal conduta a caracteriza como agente securitizador, e como isto se relaciona com a teoria da securitização ao analisar um tema de segurança internacional contemporânea.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

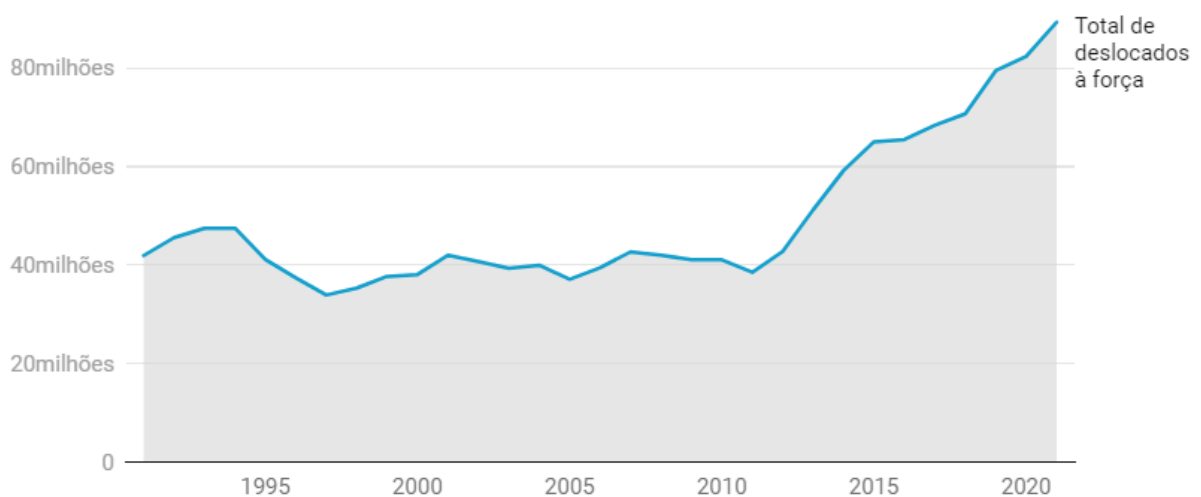
1.1. Da imigração contemporânea à crise de refugiados

Enquanto o movimento populacional, seja de saída, entrada, ou deslocamento dentro de um mesmo território, é chamado de migração, a imigração contemporânea é o ato de entrada de um indivíduo em determinado Estado no recorte temporal dos séculos XX e XXI. As motivações para a imigração podem ser econômicas, culturais, sociais, políticas, ou até mesmo naturais, mas é possível dividi-las em dois grupos: imigração por oportunidade e imigração forçada.

A primeira está intrinsecamente ligada a motivações econômicas e representa a maior parcela de imigrantes do mundo, com massas migratórias direcionadas a países mais desenvolvidos. Um exemplo deste tipo de imigração é a chamada “fuga de cérebros”, quando profissionais qualificados buscam melhores oportunidades de emprego e renda fora de seu país de origem. Ao pensar em causas políticas, sociais, culturais e naturais (ligadas a desastres ambientais, por exemplo), a imigração resultante é caracterizada como forçada, uma vez que não havia a intenção de migrar. Crises políticas, conflitos, e violência são alguns casos que resultam neste tipo de movimentação.

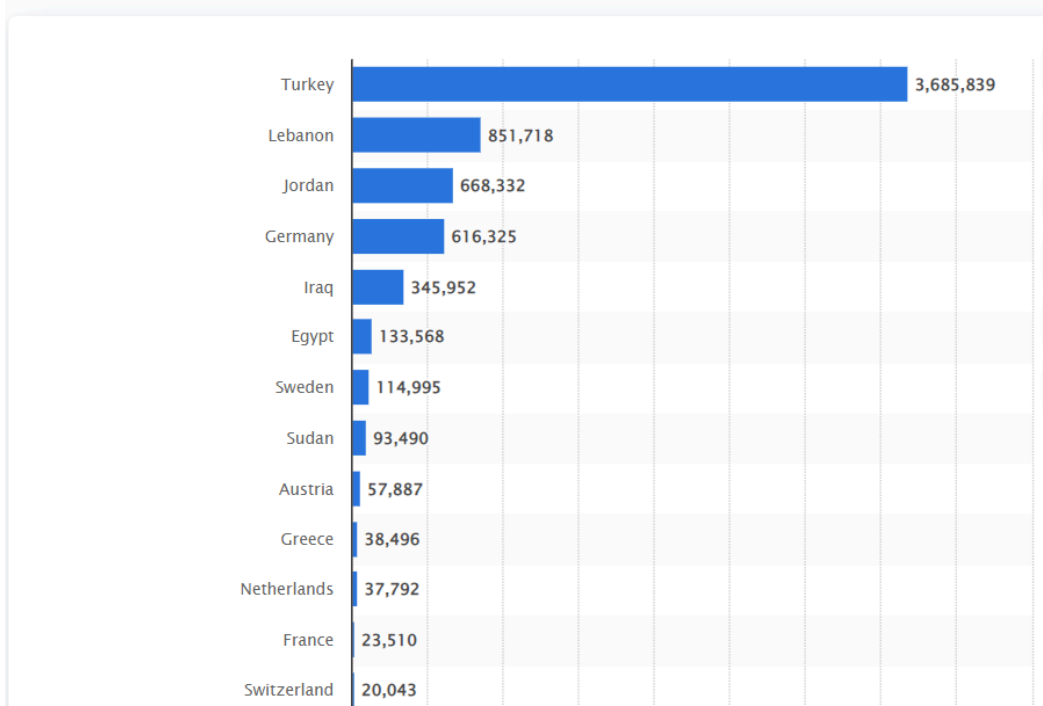
É comum pensar que imigração forçada é sinônimo de crise de refugiados, entretanto, as duas denominações podem se encontrar em uma área de denominação comum ou possuir apenas semelhanças. Para uma pessoa ou um grupo receber o status de refugiado é necessário haver *perseguição* sistemática contra tal indivíduo, definido pela Convenção de 1951 da Organização das Nações Unidas e por seu Protocolo adicional de 1967 artigo 2º como: *“[pessoas que] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.”* Pelo relatório semestral de 2021 da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), no final de 2020 haviam 89,3 milhões de pessoas que haviam sido deslocadas à força, sendo 69% destas provenientes de apenas cinco países: Síria (27%), Venezuela (18%), Afeganistão (11%), Sudão do Sul (9%), e Mianmar (5%). Deste número, quase 27,1 milhões se encaixam no status de refugiados.

Pode-se observar pelos dados que a maior massa de refugiados é proveniente da Síria, que está em situação de guerra desde 2011. Seja por proximidade geográfica, por políticas de permanência e tratados, ou pela simples crença em melhores oportunidades ao alocarem-se em países mais desenvolvidos economicamente, grande parte desta população refugiada direciona-se para países europeus, estando a Alemanha, a Suécia e a Áustria dentro do grupo dos dez maiores países anfitriões.



Fonte: [UNHCR Global Trends 2021](#) •

Ranking of the largest Syrian refugee-hosting countries in 2020



Fonte: Statista e UNHCR

1.2. A Escola de Copenhague e a Teoria da Securitização na abordagem midiática

A partir dos conceitos cunhados pela Escola de Copenhague, surge a teoria da securitização, onde esta seria uma versão extrema de politização. Um determinado tema é colocado acima das práticas ordinárias da vida política e ganha priorização e urgência em sua abordagem, e a retirada dos meios políticos demonstra o fracasso destes em resolver tal questão. Nesta interpretação, alguns pontos são essenciais para seu funcionamento, sendo eles: i) a existência de uma ameaça a um objeto referente; ii) a presença de ao menos um ator securitizador que possui capital social (que lhe dá competência no ato de securitizar um tema); e iii) a existência de uma audiência.

Por meio do processo [“declaração de segurança” > “dramatização” > “meios extraordinários”], um problema de segurança é apresentado como *ato discursivo* (speech act), e a dramatização deste problema é declarada a uma audiência. A ideia de capital social é de suma importância, uma vez que são estes os mecanismos que legitimam a fala do agente securitizador, e em grande parte dos casos de securitização este ator é um Estado, havendo a presença de atores funcionais no processo como agentes que influenciam as dinâmicas de determinado setor.

É interessante notar nas etapas de encadeamento da securitização a presença de elementos que lembram já o âmbito midiático, como “ato discursivo”, “processo de dramatização” ou “existência de uma audiência”. A questão que fica é: seria a mídia capaz de securitizar um objeto referente? Teria ela capital social suficiente para isso ou ela não passa de um ator funcional no processo, dando apoio a um agente com mais poder e influência?

2. A CRIAÇÃO DE UM DISCURSO MIDIÁTICO

2.1. Linhas teóricas

Levando em consideração as teorias desenvolvidas pela Escola de Copenhague (CSS- Copenhagen School of Security Studies) e os dados acerca da migração contemporânea e da crise de refugiados, o foco agora será em como o ato discursivo do processo de securitização é enviesado e molda a criação de um discurso midiático. Dado que algo se torna uma ameaça à segurança justamente através de políticas discursivas, é necessário constatar que a simples enunciação de fatos, seja no meio político ou jornalístico, é muito mais *performativa* do que constativa. A elocução de um tema não descreve a realidade, mas a constrói, tornando impossível a imparcialidade.

Ainda sobre a teoria da CSS, enquanto uma ameaça ainda está somente politizada, ela é vista como manejável e deixada como responsabilidade do Estado. Ao definir a securitização como uma versão extrema da politização, um tema é apresentado como uma ameaça existencial e requer medidas igualmente extremas para lidar com o mesmo. Buzan et al. (1998) enfatiza o ato discursivo neste processo uma vez que ele só é alcançado se uma audiência o aceita como tal. Na definição da ameaça a um objeto referente, a promoção de uma questão da esfera política à esfera pública depende muito da abordagem midiática escolhida; por exemplo se uma audiência entende migração como algo manejável ou como uma ameaça existencial ao seu modo de vida.

Em relação às abordagens que a mídia possui em relação à crise de migrantes/refugiados na Europa, duas se destacam: a abordagem humanitária e a militarista. A primeira foca em medidas de auxílio a refugiados, como provisão de abrigo, doações financeiras, abertura de fronteiras, ajuda com registro e lobbying para soluções políticas. Já a segunda tem como essência medidas de proteção aos países e/ou à Europa, enfatizando a ideia de enviar os refugiados ao seu local de origem, fechamento de fronteiras, a criação de obstáculos para recepção de migrantes, e reforço militar. A teoria da securitização se encaixa perfeitamente à abordagem militarista, uma vez que mídia, ao enquadrar refugiados como ameaças e relacionar “crise” com “ilegalidade”, “criminalidade” e “inabilidade de integração”, cria um ato discursivo em torno da questão de refúgio político e tira o tema da esfera do “politicamente manejável” e a coloca em uma roupagem alarmante e ameaçadora.

Abaixo, nas imagens 3, 4 e 5, exemplos da cobertura midiática da crise dos refugiados na Europa em 2015 respectivamente em suas abordagens humanitária e militarista.



Europe and the Refugee Crisis: A Challenge to Our Civilization

2.2. A narrativa em torno dos migrantes e refugiados

Em 2015, a palavra “migrante” (migrant) prevalecia antes da crise na Europa atingir seu auge. Por ser um termo amplo, migrante poderia ser um homem de negócios que se move pelo mundo, mas com frequência são usados outros termos para a imigração por oportunidade, como “expat” (expatriado), “cosmopolitas”, “cidadãos do mundo”. As alegações em torno da palavra migrante foram aos poucos, por emolduração midiática, tomando um contorno ligado ao poder, seja poder econômico ou político.

Ao definir o movimento migratório em direção à Europa como “crise de refugiados”, não só se estabelece a existência de algo extraordinário no sentido de fora do meio comum, como se institui a fronteira entre o “nós” e o “eles”. A partir de então, o migrante não é mais o vizinho viajante, mas o “outro”, alguém que vem para ameaçar um modo de vida. A estereotipação de refugiados pela cobertura jornalística reforça esse imaginário: migrantes como ilegais, sem papéis, atravessando fronteiras por baixo de arames farpados ou fugindo da polícia, além das palavras que fortalecem tal visão.



Imagem 6: a mudança na escolha de palavras



Imagem 7: Sérvia



Imagem 8: Polônia



Imagem 9: Grécia



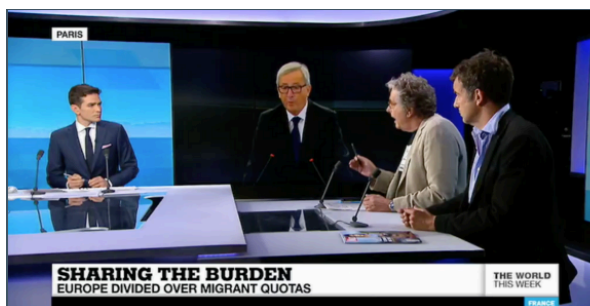
Imagem 10: Hungria

3. ANÁLISE EMPÍRICA: OS TRÊS PERÍODOS DA CRISE DE 2015

Usando de base um relatório comissionado do Council of Europe, artigos acadêmicos e exemplos de cobertura midiática do período em questão, o objetivo desta seção é analisar como o discurso performático elaborado pela mídia teve a capacidade de moldar a forma como a crise migratória na Europa em 2015 foi recebida pela sua audiência, tornando-a, ou não, um objeto referente de securitização.

3.1. Uma tolerância cautelosa

O primeiro período é caracterizado como “uma tolerância cautelosa”, onde o Conselho da Europa concedeu procedimentos de alocação de refugiados na Grécia e na Itália, além de em outros Estados membros. Ao mesmo tempo o governo da Hungria declarou um projeto de construção de uma barreira junto à fronteira da Sérvia, posteriormente fechando totalmente suas fronteiras com tal país e com a Croácia, o que afetou o fluxo de refugiados para países vizinhos. Este período foi marcado por um misto de securitização e humanitarismo, tanto na esfera política quanto na cobertura jornalística; enquanto alguns governos, como a Hungria, adotaram medidas de segurança, houve cobertura de histórias pessoais de migrantes pela mídia, histórias que pelo tom de pessoalidade, causaram certa comoção e identificação por parte do público.



Imagens 11 e 12: cobertura jornalística e o muro na fronteira da Hungria

3.2. Humanitarismo extasiante

O segundo período é marcado por uma imagem que não só circulou o mundo como influenciou a forma como a crise foi recebida pelo público e tratada pela esfera estatal: a morte de um menino sírio de três anos, Alan Kurdi, cujo corpo foi encontrado nas margens de uma praia na Turquia. A comoção gerada a partir da fotografia levou a uma representação mais humana da crise de refugiados e da guerra na Síria: imagens dos barcos ilegais cruzando o mediterrâneo, fotos de mulheres e crianças ao invés de homens, retratos de indivíduos ao invés de massas. O suporte de começou nas mídias sociais foi levado à instituições internacionais como a Cruz Vermelha, diversas performances e protestos de ativistas humanitários ocorreram pelo continente, e a abordagem humanitária esteve muito mais presente na cobertura midiática.



Imagens 13, 14 e 15: a morte de Alan Kurdi e sua representação na mídia.

3.3. Medo e Securitização

O terceiro período é marcado por uma mudança abrupta na percepção de migrantes devido aos ataques terroristas em Paris em Novembro de 2015, quando uma série de bombardeios e disparos ocorreram por parte de terroristas ligados ao ISIS. O ponto problemático da questão foi a relação que se estabeleceu entre migrante-refugiado-terrorista, principalmente aqueles de origem árabe. Refugiados foram de vítimas a potenciais terroristas, vistos com suspeita e medo, criando a ambientação para um ato discursivo que securitizou toda a Europa como alvo de ameaças existenciais. A cobertura midiática mudou seu enfoque, e a estereotipação de refugiados como selvagens que estariam ameaçando a “pureza branca europeia” fica evidente, por exemplo, ao se analisar a capa da revista polonesa de extrema direita “wSieci”, que sob o título “O Estupro Islâmico da Europa” retrata uma cena perturbadora de uma mulher branca vestindo a bandeira da União Europeia e sendo atacada por braços negros.



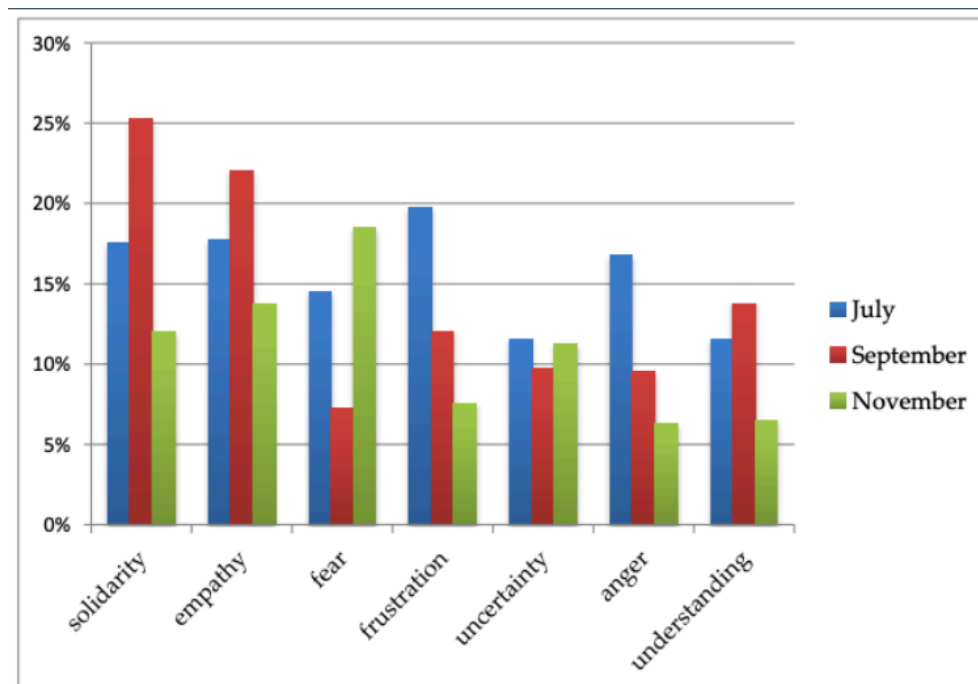


Imagem 16: Emoções mais frequentes atribuídas a refugiados por parte de cidadãos europeus nos três períodos, marcados pelas fases em Julho (azul), Setembro (vermelho) e Novembro-ataques terroristas- verde.

Fonte: Chouliaraki & Zaborowski, 2017

Depois dos ataques de Paris houve quase um silenciamento sobre a crise de refugiados na mídia, além de menos comoções por parte do público e a troca do sentimento de empatia e solidariedade por raiva, medo e frustração, que pode ser analisado pelo gráfico da imagem 16.

CONCLUSÃO

Por meio do estudo do caso da retratação midiática sobre a crise de refugiados na Europa em 2015 pode-se notar que a imagem de Alan Kurdi e os Ataques de Paris impactaram o discurso jornalístico de diferentes maneiras, levando a algumas conclusões. De forma geral, durante 2015, cerca de dois terços das consequências mencionadas foram negativas, e em 59% dos artigos não foram mencionadas quaisquer consequências positivas dos refugiados que chegaram à Europa. As consequências positivas mencionadas foram principalmente retratadas em termos morais por empatia ou solidariedade, enquanto as negativas foram principalmente geopolíticas, econômicas ou culturais. Embora os refugiados fossem muito frequentemente discutidos na mídia, eles raramente tinham a oportunidade de expressar suas próprias questões, além de serem retratados raramente como indivíduos que possuíssem nomes, profissões ou gênero - o que levou a uma descrição anônima de um grupo sem quaisquer habilidades úteis para os países europeus. Tal desumanização levou à suspeita e ao medo, e a imagem perpetuada do "outro ameaçador" foi quase sempre definida antagonicamente em relação aos europeus. O breve momento de humanitarismo extasiante, estimulado pela imagem de Alan Kurdi, trouxe um pequeno exemplo de individualismo ao retrato dos refugiados, mas foi rapidamente abafado pelo medo imposto pelos ataques de Paris, que tornou o retrato da mídia sobre o assunto focado na securitização da ameaça vinda de além das fronteiras.

Ao traçar um quadro analítico sob a teoria da Escola de Copenhague, pode-se dizer que a mídia faz o papel de ator securitizador sobre o objeto referente de toda a Europa em relação à crise de refugiados uma vez que realiza um ato discursivo performático que molda a visão de sua audiência sobre o assunto. Ela é capaz de retirar o tema da esfera política e levá-lo aos extremos da esfera social, gerando consequências positivas e negativas, como por exemplo manifestações de apoio humanitário ou de xenofobia. Talvez a única questão que fique em aberto seja se a mídia possui capital social próprio para securitizar um assunto ou se ela serve como mecanismo de outros agentes, que se utilizam de suas lentes para moldar a recepção do público. Seja como ator principal ou secundário deste espetáculo, ela ao menos garante uma hábil performance.

BIBLIOGRAFIA

- Bleiker, Roland - Campbell, David - Hutchinson, Emma - Nicholson Xzarina (2013) “The visual dehumanisation of refugees” *Australian Journal of Political Science*, Vol. 48, No. 4, Pp. 398–416.
- Chouliaraki, Lilie. and Zaborowski, Rafal (2017) “Voice and community in the 2015 refugee crisis: A content analysis of news coverage in eight European countries” , *International Communication Gazette*, Vol. 79, No. 6–7, Pp. 613– 635. <https://doi.org/10.1177/1748048517727173>
- UNESCO (2021) “Media and migration, covering the refugee crisis” <https://en.unesco.org/news/media-andmigration-covering-refugee-crisis>
- Georgiou, Myria & Zaborowski, Rafal (2017) “Media coverage of the “refugee crisis”: A cross-European perspective” Council of Europe.
- Lilyanova, Velina (2016) “Briefing. The Western Balkans: Frontline of the migrant crisis” European Parliamentary Research Service, European Parliament. PE 573.949 [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2016/573949/EPRS_BRI\(2016\)573949_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2016/573949/EPRS_BRI(2016)573949_EN.pdf)
- Nail, Thomas (2016) “A Tale of Two Crises: Migration and Terrorism after the Paris Attacks” *Studies in Ethnicity and Nationalism*, Vol. 16, No. 1, Pp. 158-167. DOI:10.1111/sena.12168
- Wilmott AC (2017) The politics of photography: visual depictions of Syrian refugees in the U.K. *Online Media. Visual Commun Q* 24(2):67–82
- White, Aidan (eds.) (2015) “Moving Stories: International Review of How Media Cover Migration” Ethical Journalism Network, London, United Kingdom. Bibliography
- Daniel Trilling, How the media contributed to the migrant crisis, *THE GUARDIAN* (Aug. 01, 2019), <https://www.theguardian.com/news/2019/aug/01/media-framed-migrant-crisis-disaster-reporting>
- Emily Farris and Heather Silber Mohamed, The news media usually show immigrants as dangerous criminals. That’s changed — for now, at least, *THE WASHINGTON POST* (Jun. 27, 2018) <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2018/06/27/the-news-media-usually-showimmigrants-as-dangerous-criminals-thats-changed-for-now-at-least/>

- Emily Farris and Heather Silber Mohamed, Picturing immigration: how the media criminalizes immigrants, *Dialogue: Media and the Politics of Groups and Identities* (May. 26, 2018)
- ESZTER ZALAN, Hungary illegally detained migrants, court says, *EUOBSERVER* (Mar. 15, 2017) <https://euobserver.com/migration/137243>
- LOUIS WESTENDARP, Poland illegally pushed back migrants, Amnesty International report suggests, *POLITICO* (Sep. 30 2021) <https://www.politico.eu/article/poland-migration-rights-belarus-border-pushbacks-amnestyinternational-report/>
- Maria Savel, The Italian Plan: EU Mulls Overseas Asylum Centers in Migrant Policy, *WORLD POLITICS REVIEW* (Mar. 24, 2015) <https://www.worldpoliticsreview.com/trend-lines/15369/the-italian-plan-eu-mulls-overseas-asylumcenters-in-migrant-policy>